

REDUÇÃO DE DANOS DO VÍRUS DO MOSAICO DOURADO DO FEIJOEIRO, ATRAVÉS DE RESISTÊNCIA VARIETAL, CONTROLE QUÍMICO DO VETOR E ÉPOCA DE PLANTIO. F.R. BARBOSA¹, L.B. GUIMARÃES¹, W.A. MOREIRA¹ & M.J. DEL PELOSO². (EMGOPA, C.P. 49, 74.000, Goiânia, GO; ¹EMBRAPA/CNPAP, C.P. 179, 74.000, Goiânia, GO). Reduction of damages of bean golden mosaic virus through varietal resistance, chemical control of the vector and planting time.

Com o objetivo de reduzir a incidência do vírus do mosaico dourado do feijoeiro (VMDF), estudou-se o efeito da integração da época de plantio, controle químico do vetor e de duas cultivares e uma linhagem de *Phaseolus vulgaris*. Aos 30, 45 e 55 dias da emergência, avaliou-se a percentagem de infecção do vírus. A utilização do aldicarb 150 e do carbofuran 5 G, proporcionou redução da infecção e retardou o início da epidemia, nas três épocas de plantio, 15/01, 01/02 e 15/02. A linhagem LM 30630 produziu 281,5% e 114,5% a mais que a cv. Carioca e 1.233% e 196,2% a mais que cv. Rubi, na 1ª e 2ª épocas, respectivamente. Na 3ª época, constatou-se maior percentagem de plantas infectadas, resultando em produções muito baixas. O uso de aldicarb e carbofuran resultou em aumentos na produção que variaram de 29% a 702%, em relação à restemunha. Os inseticidas abamectin, furathiocarb e triflumuron não se mostraram eficientes na redução do número de plantas infectadas, pela fórmula de Abbott.

046

EVIDÊNCIA DA PRESENÇA DO VÍRUS DO ENROLAMENTO DA FOLHA DA BATATA EM SOLANACEAS SILVESTRES DE REGIÕES BATATEIRAS DOS ESTADOS DE SÃO PAULO E DO PARANÁ. J.A.C. DE SOUZA-DIAS¹; A.S. COSTA², C. ARANHA³ & A.M. NARDINI⁴. (1, 2 S. Virologia Fitot. 3S. Botânica. Inst. Agrônomo de Campinas-SP, Cx. P. 28, CEP 13020/902 Fone: (0192) 41-1609. 4Coop. Agr. Catiá/Tatuí-Tietê. Evidence of the presence of potato leafroll virus in wild Solanaceae in potato growing regions of the states of São Paulo and Paraná, Brazil. 1, Bolsistas CNPq. Apoio FAPESP.

Na região de Tatuí-SP, durante o ciclo de Agosto-Novembro de 1991, em plantios de batata 'Bintje' e 'Jaette Bintje' (*Solanum tuberosum* L.), cuja semente era "de caixa", i.e., importada, registrou-se a incidência de mais de 50% de plantas com sintomas de infecção primária precoce do vírus do Enrolamento da Folha de Batata ("Potato Leafroll Virus - PLRV"). Na ausência de plantas de batata voluntárias ou batatas para consumo nas proximidades que pudessem atuar como fonte/pressão de inóculo, efetuou-se uma coleta de amostras de folhas de plantas da vegetação espontânea presentes dentro e fora dos dois campos de batata, para avaliação como possíveis doadoras do vírus.

Foram coletadas amostras de 11 espécies diferentes sendo 5 da família das solanáceas: *Datura stramonium* L. ("Figueira do inferno"); *Solanum variable* L. ("Jurubeba falsa"); *Solanum lycocarpum* St. Hil. ("Fruta-de-lóbo"); *Solanum aculeatissimum* Jacq. ("Arrebenta cavalo") e *Solanum sissymbriifolium* L. ("João-bravo"). Através do DAS-ELISA, a presença do PLRV foi constatada em *Solanum variable* (13 amostras das 44 coletadas); *S. lycocarpum* (4 de 6) e *Solanum aculeatissimum* (5 de 5). Resultados negativos para o PLRV foram obtidos com outras espécies.

No Estado do Paraná, na região de Guarapuava, 30% das amostras de joá de espécie não identificada testaram positivas para o PLRV quando coletadas em batata da var. Bintje onde havia incidência de mais de 20% de enrolamento primário.

Em testes realizados em casa de vegetação e insetário, o afídeo vetor *Myzus persicae* comportou-se como capaz de adquirir o PLRV dessas espécies suscetíveis e transmiti-lo para batata e outras indicadoras. Os estudos com plantas anuais ou perenes da vegetação espontânea em regiões batateiras, ou não, continuam com vistas ao conhecimento da implicação dessas possíveis doadoras na epidemiologia e controle do PLRV na produção de batata.

047

RESISTÊNCIA DE GENÓTIPOS DE CACAUEIRO À MURCHA-DE-VERTICILLIUM (*Verticillium dahliae*) U. V. LOPES¹, S.D.V.M. SILVA² & E.D.N.M. LUZ² (1GENETI CA/CEPEC/CEPLAC; 2FITOPATOLOGIA/CEPEC/CEPLAC, 45.600, Itabuna, Ba.) Resistance of cocoa genotypes to verticillium wilt (*Verticillium dahliae*).

Visando identificar, precocemente, fontes de resistência à murcha-de-verticillium, incitada por *Verticillium dahliae* Kleb., foram avaliadas: 10 progênies oriundas do cruzamento de APA 4, CA 3, CA 6, CEPEC 16, EET 228, EET 397, IMC 76, MA 15, PA 148 e SIAL 505 com o clone suscetível SIC 802; seis progênies recomendadas para plantio pela CEPLAC (SIC's x ICS 1, SIAL's x ICS 1, SIC's x ICS 6, SIAL's x ICS 6, SIC's x ICS 8, SIAL's x ICS 8), além de testemunhas resistente (P 7 x SIC 802) e suscetível (SIC 802 x SIC 802). O ensaio foi instalado segundo um delineamento em blocos casualizados, com três repetições de 40 plantas (30 inoculadas + 10 não inoculadas)/parcela. Raízes

de plântulas de 15 dias de idade foram inoculadas imergindo-as numa suspensão de 10⁷ conídios/ml. Aos 30 dias após a inoculação avaliaram-se as frequências de plantas normais, enfezadas e secas; aos 140 (repetições 1 e 2) e 240 dias (repetição 3), a altura relativa (altura das inoculadas/não inoculadas). As progênies EET 397, EET 228 e CA 3, cruzados com SIC 802, apresentaram resistência igual ou superior àquela de P 7 x SIC 802. Já as progênies SIAL's x ICS 1, MA 15 x SIC 802 e SIAL's x ICS 8 mostraram-se tão suscetíveis quanto SIC 802 x SIC 802. Os híbridos atualmente recomendados pela CEPLAC, excetuando-se SIAL's x ICS 6, apresentaram baixa resistência a murcha-de-verticillium.

048

REAÇÕES DE CULTIVARES DE SOJA À INFECÇÃO NATURAL DE *PHIALOPHORA GREGATA* EM CONDIÇÕES DE CAMPO. E.R. BONATO & L.M. COSTA-MILAN. (EMBRAPA-CNPT, C.P. 569, 99001, Passo Fundo, RS). Field reactions of soybean cultivars to natural infection of *Phialophora gregata*.

A podridão parda da haste da soja, causada pelo fungo *Phialophora gregata*, foi identificada no Rio Grande do Sul durante a safra de 1989/90. Nos anos agrícolas de 1989/90 e 1991/92 foram determinadas as reações das cultivares de soja recomendadas para o Rio Grande do Sul, em condições de incidência natural a campo, em Passo Fundo. Durante o estágio R6, foram feitas avaliações visuais da ocorrência de sintomas foliares, tendo-se utilizado o seguinte critério para diferenciar o comportamento das cultivares: Resistentes, de 0 a 20% das plantas com sintomas foliares; Moderadamente Resistentes, de 21 a 40%; Moderadamente Suscetíveis, de 41 a 60%; Suscetíveis, de 61 a 80%; Altamente Suscetíveis, de 81 a 100%. Desta maneira, as cultivares foram classificadas como: Resistentes: BR-8, Davis, FT-Abyara, Ivorã e RS 7-Jacuí; Moderadamente Resistentes: EMBRAPA 5 e FT-2; Moderadamente Suscetíveis: BR-1, CEP 12-Cambarã e IPAGRO 21; Suscetíveis: BR-2, BR-4, BR-32, Bossier, Bragg, CEP 16-Timbó, CEP 20-Guajuvira, IAS 5 e RS 9-Itaúba; Altamente Suscetíveis: BR-6, BR-12, CEP 10, Cobb, IAS 4, Ivaí, Paraná, RS 5-Esméralda e RS 6-Guassupi.

049

RESPOSTA DE FEIJÃO AO ATAQUE DAS RAÇAS ZETA E MU DE *COLLETOTRICHUM LINDEMUTHIANUM*. J.C. VIEIRA, I.F. ANTUNES, E.P. SILVEIRA, R.C. GREHS, & M. KOCH*. (EMBRAPA-CPATB, C.P. 553, 96001 Pelotas, RS). Bean response to zeta and mu races of *Colletotrichum lindemuthianum*.

A antracnose, pelos danos que causa anualmente, é uma das mais importantes doenças do feijão no RS. O uso de cultivares resistentes é um dos métodos de controle mais eficiente e econômico. Noventa e três linhagens e cultivares de feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) foram avaliadas na sua reação para raça Mu e cinqüenta e três para a raça Zeta de *Colletotrichum lindemuthianum*, agente causal dessa doença. A inoculação das plântulas foi feita com uma suspensão de 10⁶ conídios/ml, permanecendo incubadas por sete dias sob umidade relativa maior que 92% e temperatura entre 18 e 22°C. Após esse período, avaliou-se a doença, através de uma escala de notas de 1-9, sendo considerada resistentes as plantas com notas de 1-3, intermediárias plantas com notas de 4-6 e suscetíveis plantas com notas de 7-9. Os resultados mostram três germoplasmas com resistência simultânea as duas raças: RAI 305, 86-592 e MA 287-E. Os materiais resistentes à raça MU foram MB 488-G, 86-630, Carioca 80, FT 8557, CNF 5484, CNF 5495, A 281, HAB 10. Os resistentes à raça Zeta foram HAB 06, FT 86-105, 86-1210, W 22-8, COVAG 87-2013.

050

RESISTÊNCIA DE CAMPO DE NOVOS CLONES DE MANDIOCA À BACTERIOSE, NO DISTRITO FEDERAL. J.F. FIALHO¹, L.C.B. NASSER¹, M.A.S. OLIVEIRA¹,